



## **Jornalismo do Fim do Mundo<sup>1</sup>**

Danúbia Gleisser Ferreira<sup>2</sup>

João Barreto da Fonseca<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG

### **Resumo**

Os telejornais construíram uma maneira particular de informar a população sobre tragédias ambientais. A cobertura do terremoto seguido de tsunami no Japão, exibida no dia 13/03/2011, no programa Fantástico, da tevê Globo, é analisada neste trabalho.

**Palavras-Chave:** jornalismo; tragédia; terremoto no Japão; sensacionalismo; Fantástico.

### **Jornalismo de tragédia: uma nova tendência**

Ser um espectador de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, a dádiva acumulada durante mais de um século e meio graças a esses turistas profissionais e especializados conhecidos pelo nome de jornalistas. Agora, guerras são também imagens e sons na sala de estar. As informações sobre o que se passa longe de casa, chamadas de “notícias”, sublinham conflitos e violência – “Se tem sangue, vira manchete”, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta. (SONTAG, 2003, p. 20).

A cobertura jornalística de riscos e de desastres vem crescendo cada vez mais, em decorrência das situações de emergência ocorridas no Brasil e no mundo, como o furacão Catarina em março de 2004, os deslizamentos de terras ocasionados pelas chuvas em Angra dos Reis em 2009, as enchentes e deslizamentos nas regiões serranas do Rio de Janeiro em 2011 e a mais recente tragédia que ganhou comoção mundial e uma ampla divulgação nos meios de comunicação que foi o terremoto, seguido de tsunami, no Japão que ocorreu no dia 12 de março de 2011.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º período do Curso de Comunicação Social da UFSJ, email: [dangleisser@hotmail.com](mailto:dangleisser@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Jornalista, mestre em Estudos Literários (UFES), doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), professor do Curso de Comunicação Social da UFSJ, email: [jombarreto@gmail.com](mailto:jombarreto@gmail.com)



Com o aumento dos eventos adversos, os meios de comunicação de massa construíram uma nova maneira para a divulgação do trágico, aderiram-se ao discurso apocalíptico e aliaram comunicação, sensacionalismo e entretenimento. O aumento da produção de imagens devido à popularização dos aparelhos celulares e dos circuitos de vigilância tem contribuído com o surgimento de espectadores ativos, que enviam para as emissoras cenas degradantes e impactantes da tragédia. A ausência da edição das imagens cruas contribui para um novo realismo. Aproveitar-se desses aspectos é estar atento às novas tendências e desejos de audiência. O *Fantástico*, que vai ao ar aos domingos, às 21 horas, na tevê Globo, tem explorado com êxito as novas configurações do contemporâneo.

A comunicação de tragédias influenciada pelos fatores audiência e sensacionalismo vira um espetáculo com roteiros apocalípticos, frases repetitivas, fontes sem credibilidade, informações contraditórias, palavras que trazem caos e inquietação, e divulgação de imagens horripilantes, que antes eram tabus, mais que hoje são vistas por todos, de crianças a idosos.

### **Relação entre a denominação “tragédia” e uma classe específica de fatos**

Para o jornalista é de fundamental importância saber cada fenômeno para poder divulgá-lo de maneira correta e clara para a população. É necessário também que os meios de comunicação ao divulgarem as informações sobre tragédia saibam conceituá-la, diferenciando esta denominação dos demais acontecimentos.

De acordo com a Política Nacional de Defesa Civil, conforme consta no Guia de Fontes de Comunicação de Riscos e de Desastres produzido pela parceria CEPED<sup>4</sup> - UFSC<sup>5</sup> (2010, p.61), desastre “é o resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais”. Consta que a origem de um desastre pode ser natural (provocado pela própria natureza e não pelo homem), humana (provocado pelo homem), ou mista (decorrem da soma da ação ou omissão humana e o fenômeno natural).

É perceptível que o terremoto seguido de tsunami no Japão, se insere na denominação de desastre, pois é um fenômeno causado pela natureza, especificamente pela

---

<sup>4</sup> Centro Universitário De Estudo E Pesquisa Sobre Desastres - CEPED

<sup>5</sup> Universidade Federal de Santa Catarina



geodinâmica terrestre interna. E também tragédia, pois é o drama da vida real que causa em nós enternecimento.

A tragédia se insere neste contexto como sendo o resultado da comoção causada em seus espectadores, sendo esta: espanto, indignação, tristeza, terror, medo, impotência perante um desastre. No teatro a tragédia se configura como drama que se assinala pelos conflitos entre uma personagem e algum poder: deuses, lei, sociedade ou o destino.

A tragédia, assim definida, não raro, é “a passagem da boa à má fortuna” (BRANDÃO, 1985, p.13). A tragédia, para Brandão, tem como matéria-prima a mitologia. Os mitos são, em sua forma bruta, horríveis e, portanto, necessita do poeta um abrandamento para torná-los esteticamente operantes. Na televisão, esse é o trabalho de edição, composto pela trilha sonora, pelos planos e ângulos e pela roteirização das notícias, para que a notícia seja entendida como uma história mítica: “o ser humano ao brincar de Deus, provoca a sua ira”, “o planeta cobra sua dívida”. Como na tragédia grega, o ser humano ao ultrapassar o limite de suas possibilidades, provoca a ira dos deuses e por eles são punidos. O ser humano, como na tragédia grega, tem o seu *métron* (a medida de todo ser) e a sua inobservância é a dissolução do contrato social. Brandão explica que os deuses olímpicos se sentiam ameaçados quando os humanos esqueciam os seus interditos e condicionamentos, daí a grande quantidade de chamados à moderação.

Já os riscos, segundo o Guia de Fontes de Comunicação de Riscos e de Desastres da CEPED-UFSC (2010, p.70) é a “medida de danos potenciais, expressada em termos de probabilidade estatística de ocorrência e intensidade”. Os riscos, de acordo com essa definição, poderiam, dentro de uma margem de erro, ser evitados.

### **As marcas de inserção do tema ambiental na esfera pública**

A mídia atua na cobertura de desastres desde o princípio da imprensa. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) proporcionou um deslanche da comunicação e da fotografia desta tragédia. Nos anos 60 e 70, os jornalistas buscavam a melhor maneira de fazer a cobertura de desastres, no que se refere principalmente à ordem de divulgação da notícia e o impacto que está produção jornalística poderia causar ao ser publicada.

A Conferência Internacional sobre Comunicação em Desastres, ocorrida em Genebra, em 1990, foi um dos primeiros encontros sobre comunicação e desastres. Em 1994, a ONU (Organizações das Nações Unidas) promoveu a Conferência Mundial sobre Redução de Desastres Naturais, em Yokohama, no Japão, reunindo cinco mil participantes.



Atualmente, a comunicação de riscos e desastres está presente em todo e qualquer meio de comunicação. A mídia é a principal comunicadora, esclarecedora dos fatos e mobilizadora da população em ações que beneficiem as pessoas que sofreram danos e prejuízos. Para Schmidt, “uma grande parte daquilo que constitui o significado público do “ambiente” recorta-se pela configuração que ele assume nos meios de comunicação social”. (2003, p.55).

Com tanto acesso à informação e interesse dos espectadores em obterem notícias, o planejamento por parte da mídia na cobertura de desastres e na divulgação de imagens desta, hoje em dia, é de suma importância para que as pessoas entendam o fenômeno e saibam como agir. Informações incorretas, que não trazem esclarecimento do desastre e que se apoiam no sensacionalismo, transmitindo assim, a ocorrência como sendo um espetáculo e também o acesso às fontes sem credibilidade, a rapidez com que as informações são apuradas pelos jornalistas por causa do *deadline* das empresas de comunicação, contribuem para que a cobertura jornalística da tragédia seja comunicada de forma equivocada, podendo até alarmar ainda mais a ocorrência.

Sontag (2003, p. 89-90) acredita que a publicação do horror é um atributo da mídia: “É impossível passar os olhos por qualquer jornal, de qualquer dia, mês ou ano, sem descobrir em todas as linhas os traços mais pavorosos de perversidade humana”. Para a pesquisadora, o jornal é um tecido de horrores.

Guerras, crimes, roubos, linchamentos, torturas, as façanhas malignas dos príncipes, das nações, de indivíduos particulares; uma orgia de atrocidade universal. E é com este aperitivo abominável que o homem civilizado diariamente rega o seu repasto matinal. (SONTAG, 2003, p.89-90).

### **Matérias de tragédias versus informações de meio ambiente e prevenção de desastres**

Sociedades são tão impressionadas com emergências humanas, desastres humanos, que nós paramos nos trilhos, como era antes, no caminho ao progresso e desenvolvimento, de permanecer parado sem ajudar, paralisados, observando tantas tragédias humanas acontecerem diante dos nossos olhos. As prioridades percebidas pela mídia também não nos ajudam: miséria humana é muito mais valor-notícia do que uma população que está bem e segura. Resumindo, um terremoto ou uma enchente que causa pouco ou nenhum prejuízo não é notícia. Elo<sup>6</sup> (1994, citado no livro-texto de Comunicação de Riscos e de Desastres da CEPED-UFSC, 2010, p.82).

---

<sup>6</sup> Olavi Elo, diretor da International Decade for Natural Disaster Reduction (IDNDR), em discurso na Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Redução de Desastres Naturais, em 1994.



Os veículos de comunicação de massa dedicam mais tempo e espaços à divulgação de tragédia do que para matérias relacionadas ao meio ambiente ou de prevenção de riscos e desastres. O número de mídias alternativas e programas que focam em mostrar a relação homem-e-natureza vêm crescendo; o problema é que esta temática é apresentada em horários de menor audiência e ainda não ultrapassa e muito menos se equipara a audiência das telenovelas.

Parece que a preocupação com a vida do planeta, está em segundo plano, é como se preferíssemos ver acontecer, para crermos e só depois agirmos. Todos os anos os meios de comunicações divulgam uma quantidade de vítimas de desabamentos e inundações no período chuvoso, no tempo de seca são recorrentes as notícias sobre incêndios florestais. Estas situações acabam se tornando um ciclo vicioso, ano após ano, pois muitas tragédias poderiam ser evitadas se a sociedade prestasse mais a atenção a temas relacionados à minimização<sup>7</sup>, preservação do meio ambiente e a prevenção de desastres.

É necessário um trabalho conjunto em prol da vida no planeta, entre os órgãos competentes, a sociedade ativa no que se refere às medidas preventivas de tragédias e a importante participação da mídia e das novas tecnologias na divulgação de informação de análises de ameaças de desastres, de como a população pode atuar na gestão de risco, e de cuidado com o meio ambiente. Para Schmidt (2003, p.91), quanto mais difícil o acesso à informação “sobre um assunto ambiental e menos organizadas estiverem as associações, menor é a capacidade de “tradução” dos problemas e menos profícuo é o debate público”.

Depois da ocorrência de uma tragédia surgem várias especulações do que poderia ter sido feito para que o desastre fosse evitado. São apresentadas nos meios de comunicação várias versões da calamidade com diferentes especialistas comentando sobre o assunto, com simulações e gráficos que auxiliam no entendimento e esclarecimento dos espectadores.

Na reportagem sobre o terremoto seguido de maremoto no Japão exibida pelo programa *Fantástico* da Rede Globo, exibida, no dia 13 de março de 2011, houve a participação e comentários dos especialistas: Agamenon Dantas, presidente do serviço Geológico do Brasil; David Zee, oceanógrafo; Eugênio Reis, astrônomo; Luiz Pinguelli Rosa, físico e

---

<sup>7</sup> Medidas para reduzir o impacto adverso de ameaças naturais ou tecnológicas e da degradação ambiental, segundo o guia de fontes do curso a distância de Comunicação de Riscos e de Desastres.



diretor da COPPE - UFRJ (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia - Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Uma parte da reportagem foi reservada para explicações científicas sobre terremoto e tsunami com perguntas e respostas esclarecedoras sobre a tragédia. A matéria conta também com simulações do acontecimento o que contribui para trazer ao imaginário dos telespectadores a ideia do que aconteceu.

A discussão que se faz é que as reportagens sobre prevenção de tragédia e de meio ambiente precisam ser atrativas e trabalhadas tanto quanto são as coberturas que explicam e informam a população sobre o pós-desastre. Sabe-se que o valor-notícia e os critérios de noticiabilidade vão ao encontro da política de comunicação das mídias atrelados à audiência dos espectadores. Por isto, é preciso que uma nova mentalidade surja na sociedade em geral, sobre a prevenção de tragédia, que tenhamos cada vez mais prazer em preservar a vida do que apresentar a morte.

### **Discurso religioso no jornalismo de catástrofe**

O que Robert Kurz ainda pensa é o contemporâneo (para ele, sinônimo de capitalismo) como degradação e simulacro, ideia esposada por uma sociologia para a qual a noção de decadência como valor negativo é o único motor epistemológico. Tudo se deteriora, tudo apodrece e o dia do juízo final (o “terrível final” com que conclui seu texto) é inevitável e está próximo. Impossível deixar de pensar nas charges, recorrentes, nas quais um personagem barbudo e de camisola carrega um cartaz onde se lê: “Arrependam-se! O juízo final está próximo!” (COELHO, 2000, p.75).

As palavras utilizadas pelos jornalistas nas divulgações de tragédias têm se assemelhado aos discursos apocalípticos exibidos nos filmes de ficção como: “2012” e tantos outros. Trazendo medo, pânico e fazendo com que seus espectadores estejam atentos e preparados para o pior que está por vim.

Na busca de atrair espectadores, os jornalistas, entram em “uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens” (ROSSI, 1980, p.7). Para Bourdieu “(...) essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou simplesmente representações falsas” (BOURDIEU, p. 26).

“Ao mesmo tempo em que realça episódios interessantes, embora, por vezes, de importância duvidosa, o jornalismo-espetáculo tende a conciliar o eventual significado de um acontecimento com uma abordagem capaz de torná-lo mais atraente” (NEVES,



2005, p.8). Na reportagem completa do terremoto e tsunami feita pelo programa Fantástico e exibida um dia depois do desastre, pode-se observar recursos como trilha sonora, frases e palavras, utilizadas para atrair o telespectador para o fato, trazendo a ideia de fim dos tempos.

As seguintes frases com palavras de impacto foram ditas durante a reportagem: “O maior terremoto de todos os tempos no Japão” (Patrícia Poeta); “o desespero de quem estava no Japão foi tanto, a destruição tão arrasadora que faz agente pensar como é que pode isso acontecer? De onde vem toda essa força,” (Zeca Camargo); “cenas que a gente jamais imaginou que fossem possíveis, num país rico e organizado como o Japão” (Roberto Kovalick); “horrrível, chocante, trágico é só abrir os olhos e não passa” (...) “às vezes que meio por milagre algo parece ter escapado, como por capricho desse liquidificador gigante de casas, coisas e gente” (Marcos Uchôa); “a situação está muito difícil...” “viveu momentos aterradores” (Roberto Kovalick); “olha só o que sobrou dessa cidade”; “o terremoto foi o pior da história de um país acostumado a ele”; “pálida e escura lembrança do que eram”; “diante dessa força dessa raiva, não se podia fazer nada”, “falta só tudo” (Marcos Uchôa).

### **Fabulação como forma de encenação da utopia**

A realidade da tragédia, ao ser comunicada pela mídia à população, vem muitas das vezes, acrescida com aspectos de fábula e de encenação quimérica. Para Neves: “a Rede Globo, com sua ampla e bem-sucedida experiência em teledramaturgia, é a emissora que mais emprega, em seus programas noticiosos, o recurso da encenação de fatos do mundo real” (NEVES, 2005, p.9).

Uma das características da fábula é a presença de seres inanimados como protagonistas. Observa-se que o telejornalismo aderiu também a esta modalidade deste gênero narrativo alegórico na comunicação de tragédia. Na reportagem dos desastres no Japão exibida no dia 13 de março de 2011, pelo programa Fantástico é mostrada a calamidade não somente com imagem e relatos de pessoas, mas apresentam também cenas de carros arrastados, imagens de casas que foram destruídas ou deslocadas, barcos sendo levados pela força do maremoto.

As instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes linguisticamente objetivados são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo



mundo torna-se subjetivamente real para ele. (BERGER e LUCKHMANN, 1998, p.103).

Os jornalistas acabam por interpretar os fatos e narrar as circunstâncias que objetos ou parte deles foram encontrados. O que faz a realidade se misturar com a ficção. A imagem é apresentada com uma narrativa e encenação que faz o telespectador imaginar o carro sendo levado, a casa sendo destruída, ou seja, os objetos acabam sendo protagonistas em algumas narrativas jornalísticas.

Nossas expectativas são exageradas e nossa sensibilidade é modelada por imagens redutoras, num mundo de simulação. Na civilização do simulacro substitui-se a vida real pelas imagens da televisão, apagam-se as diferenças entre o real e o imaginário. (GUIMARÃES, 1995, p. 30).

### **Estética da repetição e o uso de esteriótipos**

A difusão da notícia e o trabalho dos jornalistas são realizados conforme regras de produção pré-estabelecidas pelo mercado. Os meios de comunicação incorporaram padrões visando à audiência no que se refere à identificação e à aceitação do público para um modelo que se repete e traz certa comodidade ao telespectador. Para Bourdieu (1997, p. 40), “são ideias aceitas por todo mundo, banais, convencionais... tais ideias que quando aceitamos, já estão aceitas...”.

O modelo de divulgação da notícia de alguns meios de comunicação é repetido pelas suas afiliadas contribuindo para uma uniformização da publicação da notícia.

Quanto mais os estereótipos se materializam e fortalecem [...], provavelmente, tanto menos as pessoas modificaram as suas idéias preconcebidas com o aumento da sua experiência. Quanto mais dura e complicada é a vida moderna, mais as pessoas se sentem tentadas a agarrar-se a clichês que parecem conferir certa ordem àquilo que, de outra forma, seria incompreensível. Adorno<sup>8</sup> (1954 citado por Wolf, 1999).

A estética de repetição e os esteriótipos são observados também na comunicação de riscos e de desastres. Há características que são costumeiras na transmissão de tragédias, como a buscar por imagens de um personagem-herói que fez algum salvamento; narrar o drama de uma família durante a tragédia, presença de trilha sonora que causam mais tensão e suspense para contar a calamidade, aparições encenadas dos repórteres, comentários de especialistas sobre o que aconteceu e como poderia ter sido evitada a calamidade, etc.

---

<sup>8</sup> Adorno, 1954, p. 390



Na reportagem completa do *Fantástico*, no dia 13/03/2011, pode-se observar estas características e por ser tratar de um campeão de audiência suas estratégias narrativas se tornaram referências e são copiadas pelas afiliadas da Rede Globo.

### **Sensacionalismo na comunicação de tragédia**

O universo do sensacionalismo tem em comum com o imaginário (o sonho, o romance, o filme): infringe a ordem das coisas, viola os tabus, compele ao extremo a lógica das paixões. Tem em comum com a tragédia o fato de se sujeitar à implacável fatalidade. É esse universo de sonho vivido, de tragédia vivida e de fatalidade que valoriza os jornais modernos do mundo ocidental. (MORIN 1997, p. 100).

Para Angrimani, o “sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato” (ANGRIMANI, 1995, p.16). Segundo Morin, “o sensacionalismo ressuscita a tragédia que morreu no imaginário” (MORIN, 1997, p. 115). E Neves (2005, pág. 7) cita que, na busca de audiência, “o show informativo recorre a valores socialmente sedimentados, mensagens de fácil reconhecimento, estereótipos e lugares-comuns, valendo-se de trunfos como o sensacionalismo e o escândalo”.

A maneira de comunicar a tragédia construída pelos meios de comunicação de massa incorporou vários aspectos sensacionalistas. “A condição definidora do fato noticioso, portanto, é a exploração do inusitado. Partindo da seleção dos assuntos, pretende destacar ainda os aspectos mais espetaculares, sensacionais” (COSTA, 2002, p. 153).

A tragédia ocorrida no Japão em 12/03/2011 foi divulgada pelo programa *Fantástico* numa reportagem completa exibida um dia após. Observa-se que o programa utilizou aspectos que evidenciam está nova maneira de informar o trágico, sendo alguns destes: a dramatização mostrada nas entrevistas com os sobreviventes dos desastres (como mostrou o jornalista Alan Severiano ao entrevistar pessoas que desembarcavam no Brasil vindas do Japão) e o drama ao falar dos lugares que foram devastados pelo tsunami: (o jornalista Roberto Kovalick mostra a cidade de Sendai, situada no nordeste do Japão e, ao andar por uma rua alagada pela tragédia, diz: “É preciso andar bem devagar e com muito cuidado aqui, porque pode haver bueiros abertos, buracos, ou pregos, portanto a gente pode seguir em frente, mas com todo o cuidado do mundo”).

Há a incorporação de trilhas sonoras durante as cenas e descrição da tragédia, como ocorreu principalmente na parte da reportagem reservada às explicações científicas sobre terremotos e tsunamis. Outros pontos visíveis ligadas a essa nova maneira de



divulgar o trágico são: mistura de ficção e realidade: (Kovalick mostra uma casa que foi arrastada pelo tsunami, dizendo: “Aqui algo que parece cena daqueles filmes de catástrofes, uma casa que foi arrastada pela onda gigante até bater num posto de gasolina, foi só aí que ela parou”). E também narrativa literária, ficcional e com rimas, como apresentou o jornalista Marcos Uchôa, dizendo: “Para quem sofreu o terremoto e o maremoto como imaginar a noção de tempo, foi sexta-feira e agora começa uma nova semana, foi uma vida e agora se tenta colocar de pé uma outra, e os parentes, os amigos e os vizinhos que existiam e muitos não existem mais, quem sabe”, e também: “O terremoto foi o pior da história de um país acostumado a eles, mais foi a tsunami que arrombou casas, ruas, avenidas, prédios, tornou estas pequenas e pacatas cidades numa pálida e agora escura lembrança do que eram. Diante desta força, desta raiva, não se podia fazer nada”.

### **Contribuição dos dispositivos tecnológicos móveis no jornalismo de tragédia**

Os novos dispositivos tecnológicos ao se colidirem com os aparatos técnicos antigos criam um novo cenário para mídia na divulgação de matéria inclusive na informação de tragédias. “Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão se interagir de formas cada vez mais complexas”. (JENKINS, 2008, p.30-31).

Com as transformações do cenário midiático e com o aparecimento de dispositivos tecnológicos móveis, como celulares, netbooks, palmtops, handhelds e tantos outros; a obtenção e a difusão de informações e imagens ocorrem de maneira simplificada, intensa e fluída. Estes novos aparatos possibilitaram um consumo maior de informação sobre riscos ou desastres em qualquer parte do globo e em múltiplos suportes midiático.

Plantados diante das telinhas – televisões, computadores, palmtops -, podemos surfar por imagens e notícias sucintas a respeito de desgraças em todo o mundo. Parece haver uma quantidade de notícias desse tipo maior do que havia antes. Provavelmente isso é ilusão. Ocorre apenas que a difusão de notícias abrange “o mundo inteiro”. (SONTAG, 2003, p. 96).

Os espectadores não mais passivos aos acontecimentos, contribuem com a disseminação de informações e cenas da tragédia com o auxílio de aparelhos que captam imagens, de



modo especial, os celulares com câmera de vídeo, “os celulares se tornaram fundamentais no processo de convergência das mídias” (JENKINS, 2008, p. 29).

Em decorrência dos novos dispositivos móveis houve uma facilidade dos meios de comunicação em obter fontes sobre a tragédia. Neste contexto, crescem também os erros, falta de apuração dos fatos, surgem informações incorretas e sem credibilidade, divulgação de imagens sem nenhum tratamento editorial, relativizando antigas referências éticas e estéticas e apresentado cenas impactantes que outrora eram tabus, mas que vem se tornando corriqueiras no telejornalismo.

Na reportagem do programa *Fantástico* sobre as tragédias no Japão, exibida no 13/03/2011, o jornalista Roberto Kovalick entrevista no Japão a tradutora Andrea Matsubara, que aparece nas imagens com um celular tentando entrar em contato com a amiga. O desfecho ocorre com Andrea falando no aparelho com a amiga encontrada. Em outras imagens aparece a jornalista Renata Cafardo com famílias utilizando o celular tentando fazer contato com parentes que moram no Japão e também um notebook que apresentava imagens em tempo real dos familiares encontrados de uma das entrevistadas. E muitas matérias, a tecnologia é o assunto.

### **Inteligência coletiva e o jornalismo em rede perante o cenário digital atual**

O consumo tornou-se um processo coletivo... Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. (JENKINS, 2008, p.28)

Os meios de comunicação divulgam a tragédia não mais para um público passivo, há uma interação entre mídia e espectadores ativos em que estes colaboram com informações e com exibição de imagens sobre os desastres.

Nos anos 20 aos 70, tinha-se como certo o paradigma da unilateralidade: que a mídia obtinha o controle sobre os espectadores passivos, ou seja, esta divulgava informações sem a interferência do público. A partir dos anos 70, passou-se a acreditar que os espectadores não são passivos e estão em permanente interação com a mídia, paradigma da circularidade.

O fato é que esta interação defendida pelas teorias contemporâneas da comunicação tem mudado a forma de fazer jornalismo. Atualmente os jornais disponibilizam endereços e contatos para que o espectador possa interagir com o meio de comunicação. E com os dispositivos tecnológicos móveis ficou mais intensa a participação das pessoas.



“Existem centenas de milhões de espectadores de tevê que estão longe de sentirem-se impassíveis ante o que vêem na televisão. Eles não se dão ao luxo de fazer pouco caso da realidade” (SONTAG, 2003, p. 92).

Conteúdos provenientes de vários cantos do globo são disponibilizados por diferentes meios midiáticos e chegam a ser vistos por diversos povos extrapolando as fronteiras de países, isto é possível, graças às redes de comunicação provenientes das disponibilidades técnicas do cenário digital contemporâneo. O Japão, por ser um país de muitos usuários das tecnologias digitais, contou com muitas imagens em suas coberturas jornalísticas, contribuindo para apresentação de pontos de vistas variados e compondo uma cobertura em rede jamais vista.

Os espectadores contribuem com a comunicação de tragédia ao ceder dados, informações e imagens aos meios de comunicação. Por sua vez a mídia deve colaborar com a sociedade apurando todas as informações de modo a cumprir seu papel social e mediador dos fatos, fazendo com que a comunicação de desastres chegue aos seus espectadores de maneira confiável.

### **Referências bibliográficas**

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai Sangue: um Estudo Sensacionalismo na Imprensa*. São Paulo: Summus, 1995. 160p.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: tragédia e comédia*. Petrópolis, Vozes, 1985.

BERGER, Peter e LUCKHMANN, Thomas. *A Construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Trd. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1997.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Comunicação De Riscos e De Desastres. Curso a distância / Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Editora Porto DG, Florianópolis: CEPED, 2010. 183 p.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Comunicação De Riscos E De Desastres: Guia De Fontes. Formação à distância / Centro



Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Editora Porto DG, Florianópolis: CEPED, 2010. 84p.

COELHO, J. Teixeira Neto. Guerras Culturais: Arte e política nos noventa e dois, São Paulo. Iluminuras, 2000.

COBERTURA completa do desastre no Japão. Produção: programa *Fantástico* da Rede Globo. Data: (13/03/2011). 37 min e 06 segundos. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=JMFH0sd05ig>>. Data de acesso: 10 de maio. 2012.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. Estética da violência: jornalismo e produção dos sentidos. Editora UNIMEP: Editora Autores Associados, 2002.

GUIMARÃES, Denise. Arte, antiarte, interarte. In: História da literatura: Pré e pós-modernidade. Curitiba: Associação Cultural Avelino Vieira, 1995

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Sleph, 2008.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – I neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 2 v. 204p.

NEVES, Teresa C. C. A Dramatização no telejornalismo. Calígrama, São Paulo, n, v.1. set/dez 2005.

ROSSI, Clóvis. O que é Jornalismo? São Paulo: Brasiliense, 1980.

SCHMIDT, L. Ambiente no Ecrã. Emissões e Demissões no Serviço Público Televisivo. Lisboa: Universidade de Lisboa/Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 5ª edição. Lisboa: Editora Presença, 1999, p 92.

